

ISSN: 2358-8829

## PSICOEDUCAÇÃO COM PROFESSORES QUE ATUAM COM CRIANÇAS NEURODIVERGENTES

Joanna Cavalcante da Silva<sup>1</sup>  
Eduardo Mendes Gomes<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho aborda práticas utilizadas na perspectiva de AT (Acompanhante Terapêutico) em alguns ambientes escolares da rede privada do Sertão Central. Com o aumento de informações sobre neurodivergência se torna indispensável um ambiente escolar acolhedor, inclusivo e com profissionais capacitados para trabalhar com as particularidades de seus alunos, o que ainda não é realidade devido o déficit de profissionais especialistas na área das neurodivergências no Sertão Central. A intervenção realizada consistia em momentos de conversa com professores da sala regular de forma sutil com base na Análise do Comportamento, uma vez que se percebeu dentro dos atendimentos escolares falas capacitistas e segregação por parte dos educadores, o que também gerava desconfortos em sala por outros alunos repetirem aquilo que era ouvido. Após o período de experiência dentro das escolas, foi observado uma melhoria na relação das crianças típicas com as atípicas na questão de convivência, uma vez que houve a psicoeducação com os alunos nos momentos de aulas e intervalos. Observou-se ainda que os professores seguiram com algumas resistências, notando-se o desinteresse pela busca por informação, seja pela falta de estímulo com o trabalho, zona de conforto e/ou construção social. É fundamental que se pense práticas mais inclusivas, pois é na escola que os primeiros laços sociais são formados. Esses laços são essenciais para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos. No entanto, quando tais laços são fragilizados, torna-se um grande desafio estimulá-los de maneira eficaz. Ainda assim, é possível alcançar êxito nessa tarefa, desde que se adote uma abordagem cuidadosa e inclusiva que valorize e fortaleça essas conexões de forma precoce.

**Palavras-chave:** Neurodiversidade, alunos, professor, ambiente escolar, intervenção.

### ABSTRACT

The present work addresses practices used from the TC perspective (Therapeutic Companion) in some school environments in the private network of Sertão Central. With the increase in information about neurodivergence it becomes a welcoming, inclusive school environment with professionals is essential trained to work with the particularities of their students, wich is not yet a reality due to the lack of specialist professionals in the area of neurodivergences in the Sertão Central. The intervention carried out consisted of moments of conversation with regular classroom teachers in a subtle way based on Behavior Analysis, once it was noticed within school services with capacitist speeches segregation on the part of educators, wich also generated discomfort in the classroom by other students repeating wich was heard. Afther the trial period withing schools, an improviment was observed in the relationship between typical children and the atypical ones in the matter of coexistence, since there was a psychoeducation with the students during classes and breaks. It was also observed that teachers continued with some resistance, noting the lack of interest in the search for information, whether due to lack of stimulation with work, comfort zone and/or social construction. It is essential to think about more inclusive practices, as it is in school where the first social bonds are formed. These bonds are essential for the personal and social development of the students. However, When such ties are fragile, it becomes a great challenge to stimulate them effectively. Even so, it is possible to achieve success in this task, as long as you adopt a careful approach and inclusive approach that values and strengthens

these connections early.

**Keywords:** Neurodiversity, students, teacher, school environment, intervention.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Quixeramobim - UNIQ, [jocavalcante05@gmail.com](mailto:jocavalcante05@gmail.com);  
<sup>2</sup>Mestrando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, [eduardomendesg@outlook.com](mailto:eduardomendesg@outlook.com).

## INTRODUÇÃO

O termo neurodiversidade surgiu com a socióloga australiana Judy Singer por meados dos anos 90, em um trabalho intitulado como: “Por que você não pode ser normal uma vez na sua vida? De um problema sem nome para a emergência de uma nova categoria de diferença.” (Singer 1999).

Dentro desse termo, existe a característica Neurotípica onde o indivíduo não possui alterações neurológicas ou no neurodesenvolvimento, o seu funcionamento neurológico é o esperado pela sociedade. Já a característica Neurodivergente consiste no indivíduo que possui alterações neurológicas ou no neurodesenvolvimento, que apresenta um funcionamento neurológico fora do padrão esperado pela sociedade.

De acordo com a American Psychiatric Association (APA 2013) são consideradas pessoas neurodivergentes aquelas que apresentam variações cognitivas como: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Opositor Desafiador (TOD), Deficiência Intelectual (DI), Dislexia, e outros.

No Brasil, cerca de 94% dos profissionais professores não têm formação Continuada em Educação Especial, o que contabiliza 2.181.255 de profissionais, dados do último Censo Escolar do MEC (2023). Com o aumento de informação sobre neurodivergência consequentemente também houve um aumento no número de diagnósticos dos Transtornos, a prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) estimada em 1 caso a cada 68 crianças, baseado em estudos realizados, como o relatório do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDCP) dos Estados Unidos.

O Projeto de Lei 1049/24 que define a formação e a atuação do acompanhante a que têm direito as pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) incluídas em classes comuns no ensino regular (Agência Câmara de Notícias 2024), assegura que pessoas com TEA tenham um acompanhante fornecido pela instituição de ensino dentro da sala regular, o que é falho no ensino, pois além do estigma existe receio da parte dos profissionais professores e gestão com

esse serviço.

Um exemplo a ser citado é o Acompanhante Terapêutico, por ainda não ser uma profissão regulamentada (existe um projeto de lei em tramitação na Câmara dos Deputados que visa regulamentá-la), também não é levada com seriedade dentro do ambiente escolar no que se diz respeito a prestação de serviços com pessoas neurodivergentes.

Serviço esse que geralmente é contratado por clínicas ou diretamente por pais ou responsáveis de quem receberá o serviço, para ser uma possibilidade de impulsionar a vida do indivíduo, sendo utilizado da Terapia ABA nos atendimentos e sendo supervisionado por um profissional experiente na área.

Essa ciência segundo o seu precursor Ivar Lovaas (1987) visa trabalhar o aumento de habilidades emocionais, sociais, independentes e reduzir comportamentos socialmente vistos como inadequados, que causam prejuízo na vida do sujeito.

Tendo em vista que as maiores demandas partidas da escola quando sugerem para pais ou responsáveis um acompanhamento psicológico para a criança são sobre comportamentos disruptivos e falta de interação com os colegas, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é indispensável para a pessoa com neurodivergência para que haja a obtenção dessas habilidades.

## **METODOLOGIA**

A metodologia desse trabalho consiste em um relato de experiência no período de Janeiro de 2023 a Abril de 2024 em que foi desempenhado um papel como Acompanhante Terapêutica dentro de escolas de Quixeramobim, onde eram elaborados relatórios das vivências dos pacientes enquanto alunos, utilizando da ciência ABA (Análise do Comportamento Aplicada) com supervisão de Darlene Fernandes de Quixadá, profissional Psicóloga responsável pelos casos acompanhados.

Foi utilizado de artigos da Scielo, dados do MEC, pesquisa quantitativa do *Centers for Disease Control and Prevention* e autores da Educação como Paulo Freire e autores especialistas em neurodivergências como Mayra Gaiato e Temple Grandi.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.” Paulo Freire (1999), assim como dito pelo autor, educação é um ato de coragem, e no Brasil atualmente os professores enfrentam um cenário de desestímulo, que pode ser atribuído a diversos fatores, como a desvalorização da profissão, a falta de apoio institucional e as condições adversas de trabalho (Leonildo 2024). As baixas remunerações e a sobrecarga de trabalho também são elementos-chave para a elevação desse descontentamento, podendo ser uma possível explicação para os professores. As baixas remunerações e a sobrecarga de trabalho também são elementos chave para a elevação desse descontentamento, podendo ser uma possível explicação para os professores e sistema de ensino regular apesar de tanto avanço.

Mayra Gaiato (2016) destaca que cada criança autista tem uma maneira única de perceber o mundo, o que exige que o ambiente seja adaptado a essa forma de percepção. Por isso, é crucial que os professores compreendam que o desenvolvimento integral de uma criança neurodivergente não pode ser realizado de maneira isolada.

O trabalho em parceria com uma equipe multidisciplinar composta por profissionais como: psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, acompanhantes terapêuticos é essencial para promover uma abordagem holística e feita especialmente para o indivíduo, pois a forma que ele experiencia o seu transtorno é individual

Diante da dificuldade de ser professor no Brasil, é imprescindível que os educadores se comprometam a estudar temas como as neurodivergências para garantir uma educação inclusiva e de qualidade, com o aumento de informações acerca disso e consequentemente diagnósticos, as salas de ensino regular seguirão recebendo mais alunos com transtornos do neurodesenvolvimento, Mayra Gaiato (2018) enfatiza que "o amor e o respeito pela criança autista são fundamentais para que ela possa desenvolver todo o seu potencial", destacando que a empatia e o acolhimento são essenciais para criar um ambiente que valorize as particularidades de cada criança neurodivergente.

Contudo, essa sensibilidade precisa ser acompanhada de um esforço contínuo para entender as particularidades do cérebro neurodivergente e aplicar estratégias pedagógicas adequadas.

Temple Grandin (1997), autista e defensora da inclusão da pessoa com autismo, diz enquanto neurodivergente que "nós, autistas, interpretamos o mundo através de padrões visuais e de detalhes, e não de conceitos globais". Essa percepção dá ênfase a necessidade de os professores saírem de sua zona de conforto e estudarem como as crianças neurodivergentes compreendem e interagem com o mundo.

Esse aprendizado é essencial para que o educador desenvolva abordagens personalizadas, junto da equipe multidisciplinar, que levem em conta o modo como seus alunos processam informações e percebem o ambiente, ao invés de insistir em métodos tradicionais que não são eficazes para todos.

Apesar das dificuldades inerentes à docência no Brasil, a formação contínua dos professores é fundamental para garantir um ensino inclusivo e transformador. Como Paulo Freire (2019) afirma, "a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo". Assim, ao estudar as neurodivergências, os educadores não apenas refinam suas práticas, mas também se tornam agentes de mudança social. Eles promovem a construção de um espaço escolar mais justo e acolhedor, onde as diferenças são reconhecidas e valorizadas, permitindo que cada aluno seja protagonista de seu próprio aprendizado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Durante o período de atendimentos escolares, foi possível observar uma falha significativa no sistema educacional em relação ao processo de inclusão. O que se notou é uma forma de segregação disfarçada de integração. Essa integração, que deveria promover a inclusão segura e verdadeira de alunos neurodivergentes, acaba por gerar um aumento dos estigmas nas relações interpessoais entre professores e alunos, assim como entre os próprios alunos durante os momentos de interação e com a gestão escolar.

Segundo Mantoan (2003), a inclusão deve ser entendida como um processo que visa a construção de uma sociedade justa e equitativa, onde todos os indivíduos possam participar plenamente. No entanto, a realidade observada sugere que, ao invés de inclusão, há uma perpetuação de práticas que segregam esses estudantes.

A expectativa dos pais de crianças com neurodivergência é que eles participem da sala regular, mas existem casos onde esperam que os filhos fiquem nas salas de multimídia, porém q realidade em alguns casos é outra.

Muitas vezes, esses alunos são encaminhados apenas para salas de multimídia, onde passam um período tempo realizando atividades simples como pinturas, jogos de encaixe ou brincando com blocos, é valido ressaltar que o Atendimento de Ensino Especializado (AEE) funcione no contraturno, justamente para evitar o afastamento da sala regular de quem participa do atendimento (MEC 2023). Parte das vezes, por estarem com alguma sobrecarga

sensorial e acabarem se desregulado por conta disso, os alunos em seus momentos de crise, diante delas, os professores em sala acabam não conseguindo lidar com essas questões particulares, tiram o aluno do momento de sala para que isso não chegue a ser incômodo para os outros alunos, como foi o percebido e dito diante de conversas com eles.

Essa situação não apenas perpetua baixa inserção dos alunos neurodivergentes, mas também contribui para a construção de um ambiente escolar que enfraquece suas experiências e potencialidades.

A falta de compreensão adequada sobre as necessidades desses alunos por parte dos educadores resulta em práticas pedagógicas que não atendem à diversidade presente em sala de aula, o maior exemplo disso tudo seria a falta do Plano de Ensino Individualizado (Russo 2023), além disso, o estigma associado aos alunos com necessidades específicas pode afetar profundamente sua autoestima e seu desenvolvimento social, tornando questões próprias de seus transtornos, ainda mais enraizadas, pois sem abertura para interagir, se torna mais difícil ainda fazer com que o aluno se sinta pertencente do espaço.

Além das atividades realizadas como Acompanhante Terapêutico em casos pontuais, foram promovidos momentos de escuta com os profissionais da educação. Essas interações revelaram um déficit na formação continuada em Educação Especial. O estigma associado às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, frequentemente as rotulam como "danadas" ou "que não acompanham os colegas". Da mesma forma, as crianças diagnosticadas com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) são muitas vezes vistas como aquelas que "não ficam quietas" ou "não se sentam", enquanto os alunos com Transtorno Opositor Desafiador (TOD) são frequentemente identificados como "impossíveis", "briguentos", "maldosos" e "difíceis", expressões ouvidas nos momentos de prática enquanto AT.

Essas percepções negativas proliferam entre os educadores, manifestando-se em conversas informais nos corredores, nas trocas de informações entre salas e durante reuniões. Essa cultura de estigmatização não apenas prejudica o ambiente escolar como um todo, mas também compromete o desenvolvimento emocional e social dos alunos neurodivergentes como dito anteriormente, mencionando ainda que é falta de ética profissional e humana.

É essencial que haja um investimento significativo na formação continuada dos professores em Educação Especial, para que possam compreender melhor as nuances da neurodiversidade e desenvolver estratégias pedagógicas inclusivas (Rodrigues 2006). Promover uma verdadeira inclusão exige um esforço conjunto para desconstruir esses

estigmas e fomentar uma cultura escolar mais acolhedora e respeitosa. A formação continuada é uma ferramenta crucial nesse processo, pois capacita os educadores a reconhecerem o potencial de cada aluno, independentemente de suas particularidades neurológicas. Somente assim será possível construir um ambiente educativo onde todos os alunos se sintam valorizados e tenham a oportunidade de desenvolver suas habilidades (Rodrigues 2006).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com isso, é possível perceber o aumento de informações e diagnósticos nos últimos tempos e com isso, a discrepância de profissionais professores que recebem formação continuada para lidar com seus alunos atípicos. Promover uma verdadeira inclusão exige um esforço conjunto para desconstruir esses estigmas e fomentar uma cultura escolar mais acolhedora e respeitosa.

Dessa forma, será possível não apenas melhorar a experiência escolar dos alunos neurodivergentes, mas também enriquecer o aprendizado coletivo, onde todos os estudantes possam se beneficiar da diversidade e aprender também uns com os outros, sobre valores e a importância de respeitar a todos sem distinção.

Portanto, é fundamental que a gestão educacional busque alternativas para transformar essa realidade. Por meio do diálogo aberto com as famílias e da colaboração entre profissionais da educação e saúde, será possível construir um modelo mais inclusivo que valorize as singularidades de cada aluno.

A verdadeira inclusão vai além da presença física, ela envolve a participação ativa e significativa de todos os estudantes nas atividades escolares. Ao promover um ambiente onde cada aluno se sinta valorizado e respeitado, estaremos não apenas cumprindo uma obrigação dita na lei, mas também contribuindo para uma sociedade mais justa, igualitária e menos insalubre.

Será necessário mais pesquisas e estudos sobre estratégias precisas para que os professores conseguissem atender de forma assertiva as necessidades dos alunos neurodivergentes, desenvolvimento de plataformas de ensino mais lúdicas, que envolvam também os pais nesse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais por todo suporte desde antes do início da minha vida

acadêmica, sem eles não chegaria onde cheguei.

Aos meus amigos e amigas feitos e cultivados dentro da IES, obrigada por todo apoio em momentos difíceis e desesperados, pudemos assim ter resiliência pra aguentar os bons e felizes.

A minha namorada por sempre me impulsionar.

Ao meu orientador por ver em mim algo que sempre foi difícil que eu visse.

A mim, por tentar ver, e reconhecer que o processo do tentar é lindo.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Projeto de Lei 1049/24: Acompanhamento para pessoas com TEA nas escolas.** Brasília: Câmara dos Deputados, 2024. Disponível em: <[AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. \*\*Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5.\*\* 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.](https://www.camara.leg.br/noticias/1054375-projeto-regulamenta-formacao-de-acompanhante-escolar-para-pessoa-com-autismo/#:~:text=O%20Projeto%20de%20Lei%201049,classes%20comuns%20no%20ensino%20regular.> Acesso em: 15 de Setembro de 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

BRASIL. Ministério da Educação. **O que é o atendimento educacional especializado (AEE)?**, 2023. Disponível em: <[CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. \*\*Prevalence of Autism Spectrum Disorder among Children Aged 8 Years.\*\* — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 2020. \[S.l.: s.n., 2023\]. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24670961/>> Acesso em: 17 de Setembro de 2024.](https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/censo-escolar/educacao-especial/o-que-e-o-atendimento#:~:text=O%20atendimento%20educacional%20especializado%20(AEE)%20C3%A9%20a%20media%20C3%A7%20C3%A3o%20pedag%20C3%B3gica%20que,educa%20C3%A7%20C3%A3o%20especial%20C%20devendo%20a%20sua.> Acesso em: 20 de Outubro de 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

Gaiato, Mayra. **Cérebro singular: Como estimular crianças no espectro autista ou com atrasos no desenvolvimento.** São Paulo: Academia, 2016.

Gaiato, Mayra. **Rezinho autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis.** São Paulo: Academia, 2018.

GRANDIN, Temple. **Thinking in Pictures: and Other Reports from My Life with**

**Autism.** New York: Vintage Books, 1995.

LOVAAS, O. Ivar. **Tratamento comportamental e funcionamento educacional e intelectual normal em crianças autistas jovens.** Revista de Consultoria e Psicologia Clínica, 1987. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/1987-16420-001>> Acessado em: 01 de Outubro de 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São

MARQUES, S. Leonildo. **Reflexões para o Dia dos Professores: O Desafio do Apagão Docente no Brasil.** Blog Faculdade Sensus, 2024. Disponível em: <<https://blog.faculdadesensu.edu.br/reflexoes-para-o-dia-dos-professores-o-desafio-do-apagao-docente-no-brasil/>>. Acessado em: 18 de outubro.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo Escolar da Educação Básica: Dados estatísticos sobre formação docente e inclusão.** Brasília: MEC, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>> Acessado em: 15 de Setembro de 2024.

Paulo: Moderna, 2003.

RODRIGUES, David. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.** Grupo Editorial Summus, 2006.

Russo, Fabiele. **Plano de Ensino Individualizado (PEI): saiba a importância,** Neuroconecta, 2023.

SINGER, Judy. 1999. "Why can't you be normal for once in your life?' From a 'problem with no name' to the emergence of a new category of difference". In: M. Corker & S. French (orgs.). Disability discourse Buckingham, Philadelphia: Open University.